

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE GRAJAÚ-MA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIENCIAS HUMANAS – GEOGRAFIA**

ALICILENE NASCIMENTO DE SOUSA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: impactos sobre a vida escolar e profissional das
mulheres do Bairro Extrema em Grajaú – MA

**GRAJAÚ – MA
2017**

ALICILENE NASCIMENTO DE SOUSA

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: impactos sobre a vida escolar e profissional
das mulheres do Bairro Extrema em Grajaú – MA**

Monografia apresentada ao curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura em Ciências humanas com habilitação em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Izeth Nascimento Barros

**GRAJAÚ – MA
2017**

ALICILENE NASCIMENTO DE SOUSA

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: impactos sobre a vida escolar e profissional das mulheres do Bairro Extrema em Grajaú – MA

Monografia apresentada ao curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura em Ciências humanas com habilitação em Geografia.

LOCAL E DATA DA APROVAÇÃO

Aprovada em: 16/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Ms. Izeth Nascimento Barros (Orientadora)
Mestra em Ciências em Educação
Universidade federal do Maranhão – UFMA

Dr. Edilma Fernandes da Silva
Doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Ms. Cristina Torres da Silva Ferreira
Mestra em Ciências em Educação
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

A meus pais, Alice “in memoria” e José Arlindo;
Meus filhos, Walison, Alice e Kaline;
Meu marido e incentivador Samuel.

AGRADECIMENTOS

A Deus minha força maior em todos os momentos.

A meus pais Alice (in memoria) e José Arlindo, pelos sacrifícios realizados nos primeiros anos de meus estudos.

A meus filhos Walison, Alice e Kaline pela força e incentivo para seguir em frente.

A meus irmãos José Augusto, José Teodoro e Aurelice pelo apoio durante esta caminhada.

Agradeço de coração a meu Marido Samuel, pelo carinho, paciência, companheirismo e pela força para que eu não desistisse diante das dificuldades que surgiram durante meu percurso acadêmico.

A minhas queridas amigas e companheiras de estudos, pela amizade construída, pelos momentos maravilhosos e difíceis que passamos juntas.

Agradeço de coração a minha orientadora Izeth Nascimento Barros, pois sem ela este trabalho não seria possível de se realizar.

Aos profs. Ms. Ubiratane Rodrigues e Dr. Ramon Alcântara pelo incentivo e por terem acreditado em mim, quando nem eu mesma acreditava.

Obrigada!

“Já chamei pessoas próximas de “amigo” e descobri que não eram... Algumas pessoas nunca precisei chamar de nada e sempre foram e serão especiais para mim”.

(CLARICE LISPECTOR)

RESUMO

A presente pesquisa tem como finalidade analisar os impactos da gravidez na adolescência na vida escolar e profissional de jovens e mulheres que têm ou tiveram filhos na adolescência, para isso foram entrevistadas 16 mulheres todas moradoras do Bairro Extrema em Grajaú – Ma que tiveram filhos entre os anos de 1994 e 2015. As fontes de pesquisa utilizadas foram artigos publicados na Biblioteca Virtual de Saúde, nas bases de dados Lilacs e Scielo e também Trabalhos de Conclusão de Curso publicados na internet. É evidente a grande quantidade de artigos publicados nesta área. A falta de conhecimento sobre formas e métodos contraceptivos, são alguns dos fatores que contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência. Conclui-se que é preciso investir em políticas públicas destinadas a atender e trabalhar de forma preventiva com jovens e adolescente para que se possa evitar uma gravidez indesejada. A gravidez na adolescência afeta tanto a vida social quanto a vida econômica dos jovens, pois a gravidez na adolescência tem sido vinculada a perpetuação da pobreza, a baixa instrução, as famílias mais numerosas aos maiores percentuais de desemprego ou a empregos precários.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência. Adolescentes. Jovens. Métodos contraceptivos.

ABSTRACT

The present study has the purpose of analyzing the impacts of teenage pregnancy on the school and professional life of youngsters and women who have or had children during adolescence. For this purpose, 16 women were interviewed, all of them living in Extreme Neighborhood in Grajaú – Ma the years 1994 and 2015. The sources of research used were articles published in the Virtual Health Library, in the Lilacs and Scielo databases, as well as Course Completion Works published on the internet. The large number of articles published in this area is evident. The lack of knowledge about contraceptive forms and methods are some of the factors that contribute to the occurrence of pregnancy in adolescence. It is concluded that it is necessary to invest in public policies aimed at attending and working in a preventive way with young people and adolescents so that an unwanted pregnancy can be avoided.

Key-words: Teenage pregnancy. Adolescents. Young. contraceptive methods.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PRINCIPAIS ASPECTOS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA.....	12
2.1 A REALIDADE BRASILEIRA	13
2.2 A REALIDADE MARANHENSE	15
2.3 A REALIDADE GRAJAUENSE.....	16
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	19
4 RESULTADOS E DISCURSÕES	22
4.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: impactos sobre a vida escolar e profissional das mulheres grajauenses	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE	46

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência tem despertado o interesse de estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento, devido ao grande número de meninas que engravidam precocemente ainda nos primeiros anos da adolescência. Diversos estudos tem demonstrado que este problema ocorre não só no Brasil, mas outros países da América Latina também têm enfrentado um contínuo aumento na ocorrência da gravidez na adolescência. Embora nos anos 70 tenha ocorrido um declínio no número de partos em adolescentes este percentual ainda é muito grande quando há uma comparação com o total de partos realizados no país.

Quando uma adolescente engravida precocemente ela rompe com a trajetória definida como ideal pelas famílias, onde na maioria das vezes os pais querem que as filhas busquem uma formação escolar, para assim conseguir um bom emprego, ter autonomia financeira, e depois sim a constituição de sua família, por isso, a gravidez na adolescência é vista como um problema social e de risco que deve ser evitado.

Os estudos à cerca deste assunto tem evidenciado que, as jovens que engravidam precocemente são mais pobres, de baixa escolaridade, têm menor atenção durante o pré-natal, filhos com baixo peso ao nascer e com altos riscos de mortalidade infantil, (SOUZA, 2011; CARVALHO, 2012; DORVALINO, 2010; MORAES, 2015).

Estudar a gravidez na adolescência é de suma importância devido ao grande número de meninas grávidas ou com filhos recém-nascidos que encontramos diariamente ao sair nas ruas da Cidade de Grajaú – MA. É cada vez mais comum ver meninas que mal entraram na adolescência grávida. Esta pesquisa foi realizada no Bairro Extrema, sendo este um bairro originário de pessoas do interior do município embora hoje conte com a presença de moradores de outras cidades do país.

Quanto moradora do bairro senti a necessidade de estudar a Gravidez na Adolescência no Bairro Extrema assim como quais os problemas enfrentados por estas adolescentes diante da maternidade precoce. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os impactos da gravidez na adolescência no Bairro Extrema em Grajaú – MA, entre os anos de 1994 a 2015 e seus impactos sobre a vida escolar e profissional das gestantes e mães adolescentes.

Assim, como observar as principais causas e consequências da gravidez na adolescência, e se as adolescentes participam ou participaram de programas ou ações promovidas pela Prefeitura ou Secretaria de Saúde voltada para o atendimento das gestantes e mães adolescentes.

Considerando-se a temática da gravidez na adolescência, destacam-se como hipóteses de pesquisa: a gravidez na adolescência é um fato evidenciado no Bairro Extrema e suas principais causas relacionam-se à escassez de informações e como consequências, destacam-se a evasão, a repetência escolar e a dificuldade de ingressar no mercado-de-trabalho; ausência de políticas públicas voltadas para a assistência às gestantes e mães adolescentes; ausência de programas ou ações promovidas pela secretaria de saúde no sentido de oferecer atendimento às gestantes e mães adolescentes.

Ao estudar a gravidez na adolescência no Bairro Extrema, deparou-se com muitas famílias que o único conhecimento sexual que possuem é o saber prático, no qual sabem da existência dos métodos contraceptivos, mas não sabem como fazer uso correto dos mesmos.

E quando o assunto é orientação sexual, é comum os pais deixarem este assunto a cargo das mães que em alguns casos se sentem envergonhadas ou não sabem como orientar as filhas, muitas dessas mães nunca fizeram uso de métodos contraceptivos. Ou seja, não é apenas o Bairro Extrema, mas sim a cidade de Grajaú – MA como um todo que precisa de investimentos e campanhas voltadas a orientação sexual tanto nas escolas como nas unidades básicas de saúde – UBS.

A Secretaria de Saúde juntamente com os demais órgãos responsáveis pela educação dos jovens precisa qualificar tanto professores quanto os profissionais de saúde para que eles possam falar abertamente e respeitosamente com este público cheio de dúvidas e incertezas, que mesmo diante de grandes avanços tecnológicos os jovens vivem uma completa falta de informação para responder os questionamentos dos jovens do município.

Esta é uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, e para a coleta de dados utilizou-se questionários semiestruturados com a participação inteiramente voluntária e com o consentimento de gestantes e mães adolescentes que tiveram filhos entre 12 a 18 anos de idade, todas moradoras do Bairro Extrema na cidade de Grajaú – MA, juntamente com o apoio de artigos publicados em periódicos científicos, da SciELO, LILACS, DATASUS, SINASC e IBGE.

Este trabalho está dividido em quatro partes, na primeira abordamos os principais aspectos da gravidez na adolescência, a começar pela realidade brasileira, seguida da realidade maranhense e posteriormente a realidade grajauense. Na segunda parte apresenta as análises das discursões, onde os resultados obtidos durante a pesquisa estão pautados em questionamentos que visaram evidenciar a percepção das mulheres antes e depois de engravidarem.

Ainda, foram abordados fatores acerca dos impactos da gravidez na adolescência sobre a vida escolar e profissional das mulheres do Bairro Extrema e por fim as considerações finais.

2 PRINCIPAIS ASPECTOS DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez na adolescência vem assumindo proporções significativas nas sociedades modernas, tendo em vista seu crescimento nos mais variados padrões sociais. Assim como os crescentes casos de gravidez precoce tem crescido o interesse em estudar o assunto que é tão recorrente atualmente, é possível perceber este fato através dos inúmeros artigos publicados que buscam saber quais consequências pode ocorrer na saúde, educação, na independência financeira e nos relacionamentos sociais destas adolescentes, com uma gravidez tão precoce. A gravidez na adolescência é um fator que ocorre em todo o Brasil.

De acordo com o Estatuto da criança e do adolescente – ECA (2010, p.11) “adolescência inicia-se aos 12 anos completos e termina aos 18 anos incompletos”, para Moreira, (2008, p. 313) “a adolescência constitui-se de características próprias, que a diferenciam das demais faixas etárias”. A mesma é considerada uma fase complicada para os jovens, pois, a adolescência é tida como uma fase de transição entre o mundo infantil e o adulto. Na verdade é uma fase de conflitos do jovem com o mundo, ele está se descobrindo como ser humano cheio de responsabilidades nas quais ainda não estão totalmente preparados.

Segundo o Fundo de População das Nações Unidas:

A juventude é uma fase de escolhas que podem ter influência determinante no presente e no futuro de cada pessoa, seja levando ao pleno desenvolvimento pessoal, social e econômico, seja criando obstáculos à realização destas metas (UNFPA, 2013, p.1).

Nesta fase eles acham que as pessoas próximas a eles são seus inimigos por não concordarem com suas atitudes e seu modo de pensar e assim eles assumem, segundo Dias (2009, p.20) “uma posição de conflito que lhe permita afirmar a sua diferença e encontrar os seus próprios limites e construir a sua identidade” e acabam depositando sua confiança nos amigos e independentemente do tipo de educação parental e do maior ou menor grau de diálogo com os pais eles buscam conversar mais abertamente com as ou os colegas que se comportam como se tivessem ou tem a mesma idade que ela/ele, e é neste momento que descobrem e/ou se interessam afetivamente pelo sexo.

Em seguida darão início a exploração do próprio corpo, na observação dos corpos de outros e é a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina.

A gravidez na adolescência não é um problema local e sim nacional, mas, é comum os meios de comunicação noticiarem com mais frequências os casos das periferias ou comunidades mais carentes, pois, é comum levar-se em conta o baixo nível financeiro dessas jovens e também o baixo nível escolar dessas meninas, pois quanto menor é seu nível escolar mais chances elas têm de engravidarem ainda de seu primeiro namorado, que na maioria das vezes é um sujeito mais velho e mais experiente que elas.

No entanto, é comum se pensar que este fenômeno só acontece com meninas dos grupos sociais mais pobres, fato este que pode ser facilmente desmistificado, já que este acontecimento se dá em todas as camadas sociais, porém isso ocorre ou é mais divulgado em relação às jovens de baixa renda. Outro aspecto que precisa ser desmistificado é o baixo nível escolar dessas meninas uma vez que nesta idade é impossível uma adolescente possuir um nível escolar mais elevado, levando em conta sua idade elas ainda não estão atrasadas em seus estudos. O que acontece é que na maioria das vezes as jovens das periferias têm mais dificuldades de acesso às informações referentes a métodos contraceptivos.

2.1 A realidade brasileira

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 7,3% das jovens de 15 a 17 anos têm, pelo menos, um filho. Na comparação com as pesquisas anteriores, Maranhão, Ceará e Paraíba continuam apresentando altas proporções de jovens adolescentes com filhos (IBGE 2002).

De acordo com a jornalista Daniela Amorim em uma reportagem para a revista EXAME:

Em 2004, o Brasil contabilizava 78,8 filhos nascidos vivos a cada mil mulheres de 15 a 19 anos. Em 2014, a cada grupo de mil jovens dessa idade respondia por 60,5 filhos, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais de 2015 divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A participação dessas mães adolescentes na fecundidade total do País caiu de 18,4% para 17,4% em dez anos (AMORIM, 2015, p. 2).

No Brasil o número de adolescentes ou jovens mães ainda é considerado alto devido às características do perfil sócio econômico desigual dos brasileiros pode

ser observadas que quanto menor o grau de escolaridade estas jovens possuem mais possibilidades elas terão para engravidar. Segundo o Fundo de População das Nações Unidas:

Muitas gravidezes de adolescentes e jovens não foram planejadas e são indesejadas; inúmeros casos decorrem de abusos e violência sexual ou resultam de uniões conjugais precoces, geralmente com homens mais velhos. Ao engravidar, voluntária ou involuntariamente, essas adolescentes têm seus projetos de vida alterados, o que pode contribuir para o abandono escolar e a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão (UNFPA, 2013, p.1).

Elas só percebem as dificuldades que uma gravidez precoce traz para suas vidas, quando começam a aparecer as dificuldades financeira e social. Nesse momento da gestação elas acabam por desistir ou abandonar os estudos em alguns casos com intuito de retornarem após o nascimento do bebê, coisa que dificilmente vai acontecer.

Devido as suas novas responsabilidades de dona de casa e como mãe e responsável por uma nova vida que precisa de muitos cuidados e atenção, por não encontrar uma pessoa com que possa deixar o filho para voltar a estudar ou mesmo pela imposição do companheiro se ela estiver casada, neste caso o marido geralmente não a deixa retomar os estudos alegando que agora ela precisa cuidar dos afazeres domésticos e ter uma responsabilidade de mulher casada.

Consequentemente, a gravidez na adolescência vai acarretar sérios problemas tanto para a mãe quanto para o filho, isso porque essas jovens não têm nenhuma capacitação profissional, para prover seu sustento e do filho e assim acabam dependendo financeiramente do apoio da família, onde as mesmas precisam enfrentar a repressão por parte de alguns parentes ou familiares.

Sarmento (2003), no entanto nos alerta sobre um questionamento básico que dificilmente é feito quanto o assunto é gravidez na adolescência.

E o pai da criança? Porque o drama da gravidez em adolescentes não é monopólio das meninas. Afinal, sem a participação do rapaz, não haveria a concepção. Infelizmente, os rapazes, principalmente aqueles que apenas "ficam", dificilmente vão sentir como sendo sua também a responsabilidade sobre a gravidez (SARMENTO, 2003, p.1).

É comum as pessoas se preocuparem ou culparem somente as adolescentes pela gravidez, mas não se questionam sobre o pai dessa criança quais

as suas reponsabilidades. No geral perguntam por que ela não se preveniu com tantos métodos de prevenção, e o rapaz também não poderia ter se prevenido? Para que não acontecesse uma gravidez que na maioria das vezes é indesejada por ambos e geralmente a responsabilidade fica por conta da jovem que quase sempre acaba assumindo e criando o filho ou filha sozinha sem o apoio do pai.

2.2A realidade maranhense

O maranhão está entre os estados da região Nordeste com um alto índice de gravidez na adolescência. Um estudo realizado por Simões (2003, p. 562), na cidade de São Luís mostrou que “dos 2.429 partos estudados, 319 (13,1%) foram de mulheres com idade abaixo de 18 anos, 395 (16,3%) com 18 e 19 anos, totalizando 714 mulheres com menos de 20 anos (29,4%)” estes dados são preocupantes em todos os municípios do Estado do Maranhão.

Estes dados demonstram que embora a cidade de São Luís, seja considerada uma grande metrópole, a gravidez na adolescência é considerada um problema que merece ainda mais atenção por partes das Secretarias de Educação e Saúde, devido aos altos índices de adolescentes grávidas na capital do Estado do Maranhão.

O Censo Demográfico de 2010 revela que dos “14.583 partos no município de Grajaú foram de mulheres de 10 anos ou mais de idade que tiveram filhos”, outro fator preocupante demonstrado no Censo baseado nos indicadores educacionais revelam um número bastante elevado de mulheres em idade escolar que não estavam frequentando a escola revelando um quantitativo de 2.675 mulheres.

É possível perceber que a gravidez na adolescência tem influenciado ou contribuído significativamente para a evasão ou abandono escolar, não apenas na capital, como também nos demais municípios do Estado do Maranhão.

Segundo Guimarães (2004); Hoga (2009) existe praticamente unanimidade na literatura, com relação à associação entre baixa escolaridade e gravidez na adolescência, é comum as adolescentes abandonarem a escola com a descoberta da gravidez, e conseqüentemente acaba enfrentando dificuldades financeiras, isso porque o pai do bebê em alguns casos não assume ou não tem condições financeiras para arcar com as despesas de uma criança.

De acordo com o site de notícias G1 MA (2005, p.5) em uma matéria realizada no Hospital Regional Materno Infantil de Imperatriz constatou um dado preocupante. “Quase todas as crianças nascidas dessas mães, são filhas de homens que não assumem a paternidade”.

Segundo Souza:

A gravidez na adolescência aponta para a necessidade de adaptações e reestruturações, caracterizando-se como um período de transição. É marcado por profundas mudanças corporais, psíquicas e sociais e sinaliza transformações significativas para jovens de ambos os sexos, inserindo-os no mundo adulto. Durante a gestação e após o nascimento surge o sentido da maternidade, transformando a adolescente em mãe, que necessita do apoio familiar e afetivo para assumir essa identidade, o que evidencia a importância do apoio do companheiro e de outros membros da família para que consiga transitar da adolescência para a função materna (SOUZA, 2011, p. 458).

No entanto diante dessas dificuldades muitas jovens acabam não saindo ou retornando para a casa dos pais e assim os avôs em alguns casos acabam assumindo algumas ou todas as responsabilidades sobre essa criança que está para nascer ou já nasceu, uma vez que a mãe não tem condições de assumir sozinha esta responsabilidade.

2.3A realidade grajauense

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), o município de Grajaú, estimava um quantitativo de 14.582 filhos nascidos de mulheres de 10 anos ou mais de idade. Além disso, o censo demográfico também demonstrou que os indicadores educacionais de mulheres que não frequentavam a escola também estão nessa mesma faixa etária revelando um quantitativo de 2.675 mulheres que não estavam frequentando a escola.

Yazzlle, no entanto, afirma que:

A evasão escolar, às vezes, precede a gravidez, sendo inclusive uma condição de risco para engravidar. Em vista disso, aquelas que abandonam seus estudos não se profissionalizam e, conseqüentemente, terão trabalho mal remunerado no futuro (YAZZLLE, 2002 p.612).

É cabível ressaltar que muitas das jovens quando engravidam estão somente preocupadas com sua atual situação do que com seu futuro, embora já

estejam inseridas em um contexto social de desvantagem social. Assim durante a gestação e após o nascimento é que surge o sentido da maternidade, transformando a adolescente em mãe.

Na maioria das vezes as mulheres que engravidam na adolescência não retomam os estudos após o nascimento do filho, algumas porque o marido não lhe permite mais estudar alegando que a mesma não precisa mais voltar para a escola, pois agora ela é uma mulher casada e tem que cuidar dos seus afazeres domésticos, como cuidar da casa, dos filhos e do marido. Logo elas entram em um completo estado de dependência financeira do marido que na maioria dos casos é autoritário e machista.

Há casos também em que essas meninas não têm uma perspectiva de uma vida melhor e assim entram em uma situação de pobreza que somada à falta de estrutura emocional da jovem grávida, que na maioria das vezes não tem o apoio do pai da criança e da própria família.

É comum pensar que gravidez em adolescentes é responsabilidade unicamente feminina, eximindo quase por completo a participação masculina de sua responsabilidade com a gestação. Sarmiento (2003, p.1) diz que “afinal, sem a participação do rapaz, não haveria a concepção”. Infelizmente, os rapazes estão mais preocupados em "ficar", do que com a responsabilidade sobre a gravidez. Para Moreira:

A gestação na adolescência é, de modo geral, enfrentada com dificuldade porque a gravidez nessas condições significa uma rápida passagem da situação de filha para mãe, do *querer colo* para *dar colo*. Nessa transição abrupta do seu papel de mulher, ainda em formação, para o de mulher-mãe, a adolescente vive uma situação conflituosa e, em muitos casos, penosa. A grande maioria é despreparada física, psicológica, social e economicamente para exercer o novo papel materno, o que compromete as condições para assumir adequadamente e, associado à repressão familiar, contribui para que muitas fujam de casa e abandonem os estudos. Sem contar com as que são abandonadas pelo parceiro, muitas vezes também adolescente (MOREIRA, 2008, p.315-316).

Diante dos dados revelados é possível afirmar que, a população jovem do município de Grajaú precisa de políticas públicas voltadas a atender suas necessidades, para que os mesmos possam adquirir conhecimento e assim caminhar com responsabilidade rumo a uma cidadania plena e conhecimento de seus direitos e deveres sociais.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo de natureza descritiva de relatos orais. Os autores Prodanov, et. al. (2013); Minayo (2001); Gerhardt; Silveira (2009) afirmam que na “pesquisa qualitativa existe uma afinidade ativa entre o mundo real e o sujeito, e constitui uma conexão indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” que não pode ser demonstrado em números, assim a pesquisa de campo é:

Utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar ou ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.69).

Os relatos foram extraídos de 16 questionários semiestruturados, com a participação inteiramente voluntária e com o consentimento das 16 mulheres entrevistadas que tiveram filhos entre 12 e 18 anos de idade, todas elas moradoras do Bairro Extrema na cidade de Grajaú – MA. Para Prodanov, et al. (2013, p. 106) “a entrevista é a obtenção de informações de um entrevistado sobre determinado assunto ou problema”.

Para obtenção dos dados além dos relatos orais, contamos ainda com apoio teórico, de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE assim como artigos publicados em periódicos científicos, das bases de dados da Scientific Electronic Library Online – SciELO, Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS e Departamento de Informática do Ministério da Saúde – DATASUS¹ e Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC onde foi possível encontrar publicações que abordam a temática da gravidez na adolescência.

¹ Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) surgiu em 1991 com a criação da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), pelo Decreto 100 de 16.04.1991, publicado no D.O.U. de 17.04.1991 e retificado conforme publicado no D.O.U. de 19.04.1991. Disponibiliza informações que podem servir para subsidiar análises objetivas da situação sanitária, tomadas de decisão baseadas em evidências e elaboração de programas de ações de saúde.

No primeiro momento foi realizada uma pesquisa em sites da internet em busca de arquivos artigos e trabalhos de conclusão de curso que tratam da gravidez na adolescência.

O segundo momento da pesquisa foi destinada à procura das mulheres ou adolescentes que tiveram filhos durante a fase de sua adolescência e que estariam dispostas a participar de uma entrevista com a finalidade de responder um questionário semiestruturado. Nesta ocasião quando as abordava era feita uma breve identificação da entrevistadora como sendo graduanda do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e em seguida fazia uma breve descrição do que pretendia com esta abordagem e quando elas concordavam em participar era agendado um horário em que elas tivessem disponibilidade para falar tranquilamente, todas as entrevistas foram realizadas nas residências das próprias entrevistadas.

No terceiro momento ao retornar para entrevistá-las, primeiramente havia um diálogo sobre trivialidades de seu cotidiano, pois inicialmente elas demonstravam certa timidez, neste momento elas eram informadas de que poderiam deixar de dar a entrevista se assim desejassem felizmente nenhuma delas desistiu. Assim era estabelecida certa credibilidade entre entrevistadora e entrevistado, pois quando a entrevistadora demonstrava preocupação e entendimento diante de suas dificuldades elas começavam a entrevista com mais segurança, elas também foram informadas de que seus verdadeiros nomes seriam preservados.

Além das entrevistas foi utilizada a técnica de livre observação, com registros em um caderno, ou seja, uma espécie de diário de campo onde foi feita as anotações de como as adolescentes recebiam a entrevistadora no dia combinado para a entrevista, os aspectos informais, as expressões e emoções que ocorreram durante a aplicação do questionário. Este caderno ou diário de campo tinha como finalidade ajudar a complementar e validar as informações e impressões a cerca da entrevista. No momento da transcrição das entrevistas optou-se por substituir os nomes das entrevistadas pela ordem numérica em que ocorreram as entrevistas.

O tratamento das entrevistas se deu através da análise de conteúdo que para Laurence Bardin (2009, p.27), *Apud* Farago; Fofonca (2011), “a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Segundo os autores citados a “análise de conteúdo é

como um conjunto de técnicas que se vale da comunicação entre as partes de um ou vários assuntos e serve como ponto de partida para análise do que foi coletado” (2011, p. 2).

Na fase da exploração do material, Laurence Bardin (2009) *apud* Guerra (2014, p.39) ressalta que a “análise do material exige sua codificação, ou seja, sua transformação de dados brutos dos textos por recortes, agregação ou enumeração, até que sua codificação atinja a representação do conteúdo ou sua expressão”. A partir do uso de análise de conteúdo ou análise temática a finalidade era tentar elucidar alguns questionamentos acerca da gravidez na adolescência no Bairro Extrema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao entrarem na adolescência os jovens passam por várias transformações mais aparentes no corpo, em razão das alterações hormonais passando por um período de transição em que a criança se modifica física, mentalmente e emocionalmente antes de se tornarem adultos e neste momento de transição pode ocorrer o aparecimento de uma gravidez não desejada.

Para que uma gravidez não desejada aconteça, basta a não utilização de métodos contraceptivos durante a relação sexual. Pais e mães precisam educar e orientar os filhos para serem adultos críticos para que assim eles possam refletir sobre as informações adquiridas e tomem decisões visando um objetivo a alcançar. Pesquisas apontam que a “taxa de fecundidade na adolescência aumenta em populações de baixa renda e com baixa escolaridade” (SIMÕES, 2003; GUIMARÃES, 2004; HOGA, 2009).

A gravidez na adolescência ocorre com mais frequência em famílias que apresentam maior vulnerabilidade, por precisarem dedicar mais tempo de suas vidas trabalhando ou buscando gerar renda, os responsáveis por estas famílias acabam não conseguindo dar atenção necessária aos filhos.

Geralmente os adolescentes precisam de informações a respeito da sexualidade, quando não encontram as respostas que necessitam para sanar suas dúvidas e, no entanto acabam encontrando as respostas entre os diversos meios de comunicação como, televisão, revistas, internet, amigos, onde nem sempre as informações são confiáveis. No entanto se o jovem não possuir um pensamento crítico, em relação às informações que lhes é apresentada ele acaba considerando como verdadeira toda informação que lhes for conveniente ou ele consiga dar sentido.

Assim, os resultados obtidos durante a pesquisa estão pautados em questionamentos que visaram evidenciar a percepção das mulheres antes e depois de engravidarem, observando assim, o perfil familiar de cada uma das entrevistadas. Para um melhor entendimento as entrevistadas serão identificadas como Entrevistada 1, 2, 3, 4..., 15 e 16 em ordem numérica de acordo com o número das entrevistas que segue de 1 a 16.

Portanto, foram feitos questionamentos que inicialmente relata aspectos sobre a vida dessas mulheres antes de engravidar, onde buscou informações sobre os integrantes da família identificando a relação dessas mulheres com a sua família.

Diante dos resultados obtidos pode se afirmar que a quantidade de irmãos de cada entrevistada ficou uma média de seis irmãos por cada entrevistada. Num percentual de 2,5% são homens e uma média de 3,6% de mulheres, portanto, diante das variáveis é possível perceber que muitas dessas adolescentes são oriundas de famílias bastante numerosas e de baixo poder aquisitivo.

Ao questioná-las com quantos anos começaram a namorar as repostas variaram entre 11 e 14 anos, conseqüentemente essas meninas tiveram sua primeira relação sexual logo após o início do namoro sem qualquer informação sobre concepção e contracepção. Apenas duas das entrevistadas disseram que seus pais sabiam que elas estavam namorando.

Também foi perguntado para elas, antes de engravidar onde morava e com quem, treze entrevistadas moravam com os pais, duas moravam com pessoas da família, e uma com o avô.

As entrevistadas de número 1, 2, 3, 5, 13 e 16 quando questionadas se já haviam trabalhado antes de sua primeira gravidez; responderam que sim. Observe as falas das entrevistadas a respeito do referido questionamento:

Entrevistada 1: naquele tempo era comum os filhos mais velhos trabalhar para ajudar os pais;

Entrevistada 2: eu trabalhava em troca de roupas, calçados e estudo;

Entrevistada 3: não era possível ir todo dia para a escola se terminasse de fazer as coisas da casa onde trabalhava ia pra escola se não, não ia, primeiro as obrigações depois os estudos;

Entrevistada 5: meus pais não podiam me dar o que eu precisava, então me colocaram na casa de uma conhecida para poder ganha as coisas que eu precisava;

Entrevistada 13: quando fui trabalhar na casa dessa família eles falaram para minha mãe que era para cuidar de uma criança, mas quando eu cheguei lá era pra fazer todo o serviço de casa e cuidar de criança também;

Entrevistada 16: eu via meus pais quando eles vinham pra cidade eles iam me ver, mas eu não podia sair com eles, pois tinha que cuidar da casa dos patrões.

É possível constatar que as entrevistadas tiveram uma vida de muitas privações ainda na adolescência e na busca de uma vida melhor começaram a trabalhar ainda criança, em serviços destinados aos adultos. Segundo relatos de algumas dessas mulheres, casar seria a forma mais rápida e fácil de sair das casas alheias e ter uma vida com um pouco mais de conforto sem precisar ser maltratada pelos filhos dos patrões ou mesmo pelos próprios patrões.

Diante da pergunta se alguém de sua família já havia conversado com você sobre sexo ou mesmo sobre os métodos contraceptivos?

Entrevistada 1: não, naquele tempo eu era tratada como criança, para que minha mãe ou algum outro mais velho falasse sobre sexo comigo e como eu não sabia nada sobre prevenção e namorava escondido acabei engravidando, por isso casei obrigada;

Entrevistada 2: não, mas eu já era considerada grande para trabalhar em casa de família, pois nos era muito pobre e os irmãos mais velhos trabalhavam pra ajudar nossos pais no sustento da casa, mas para saber de sexo eu era criança;

Entrevistada 13: não, só que ai logo comecei a namorar ainda com doze anos ele um pouco mais velho, foi logo tivemos nossa primeira relação sexual;

Diante do exposto, pode-se constatar que para muitos pais e mães é difícil falar de sexo ou métodos anticoncepcionais com os filhos ou filhas. Geralmente os pais tendem a ser mais controladores com as filhas mulheres do que com os filhos homens, é comum eles acharem que suas filhas são muito novas para ter conhecimento destes assuntos e acabam deixando isso a cargo da mãe que também não sabe como orientar as filhas ou sente vergonha em abordar esses temas com as adolescentes.

No entanto é cabível ressaltar que a sociedade atual ainda é bastante machista, onde os jovens de sexo masculino são considerados livres e até mesmo sofrem certa pressão para começar logo a exercer suas atividades sexuais ao

entrarem na puberdade, é comum os homens se vangloriarem por sua virilidade e capacidade de reproduzir, em alguns casos eles ainda não têm maturidade suficiente para arcar com suas responsabilidades como pai e acabam deixando toda a responsabilidade do filho sobre a mãe que, por gerar um filho em seu ventre, não pode se abster do cuidado com o filho, a não ser em casos extremos em que a mulher aborta ilegalmente ou entregam o filho para adoção.

Segundo os dados coletados, as jovens ou mulheres entrevistadas são oriundas de famílias numerosas com pouca ou nenhuma escolaridade, baixo poder aquisitivo, que precisaram trabalhar desde muito cedo para ajudar no sustento da família e na aquisição de seus próprios materiais de higiene pessoal.

Em seguida foram levantados questionamentos sobre a sua vida depois de engravidar. Diante da pergunta quantos filhos você tem as respostas ficam entre três e cinco filhos. Seus partos foram cesáreas ou vaginais, cinco (05) entrevistadas disseram que foi cesárea e onze (11) vaginais. Você fez algum aborto as duas (02) que responderam que sim afirmaram ter sofrido aborto espontâneo. Quando questionadas sobre você entregou algum de seus filhos para adoção e o que levou você a fazer isso quatro (04) responderão que sim.

Entrevistada 5: as dificuldades financeiras eram muitas, pois morava na casa de meus pais e eu já tinha muitas dificuldades para criar um, eu não daria conta de criar dois filhos sozinha, eu precisava trabalhar não tinha com quem deixar eles dois, o mais velho eu levava comigo para o trabalho mais dois os patrões não aceitavam e de menos recém-nascido. Essa era uma coisa que eu nunca imaginei em fazer em minha vida, quando eu via minhas irmãs dando seus filhos para adoção eu ficava furiosa com elas dizia que nunca faria aquilo, mas a vida me obrigou a dar meu filho, morro de arrependimento de ter feito isso, embora saiba que ele viva bem com a atual família dele;

Entrevistada 6: foi por inexperiência e porque minha mãe não aceitava a criança;

Entrevistada 7: eu entreguei porque eu não tinha condições de cuidar dele;

Entrevistada 9: eu queria terminar meus estudos.

É possível perceber que foram inúmeras as causas que contribuíram para que estas mães entregasse o filho para adoção embora haja relatos de arrependimento nenhuma das entrevistadas mencionou ir em busca ou quere este filho de volta a seu convívio.

Quando questionadas sobre como é sua convivência com os avós de seu ou sua filha(o) as entrevistadas 4, 6, 7,10, 13, 16 responderam que é boa com seus pais, já os avós paternos não são presentes na vidas dos filhos.

Para a pergunta se seus filhos são todos de um único pai, ele ajuda espontaneamente no sustento da criança, nove (09) responderam que tem filhos de pais diferentes, e que para eles ajudarem com as despesas das crianças foi preciso entrar na justiça para que os mesmos pudessem ajudar com as despesas do filho e mesmo assim eles não pagam a pensão regularmente.

As maiores dificuldades relatadas por elas depois do nascimento do filho ou filha é com relação à educação e alimentação, já que é muito difícil conseguirem um emprego bem remunerado, pois as mesmas não dispõem de qualificação adequada para conseguirem um bom emprego.

Embora para muitas adolescentes o nascimento de seu primeiro filho é uma forma de libertação da autoridade dos pais, elas costumam achar que não tem mais nada a perder, e agora elas são donas de suas vidas e podem fazer o que lhes convêm, pois não são mais virgens e não tem mais o que perder, não precisam mais fazer nada escondido da família ou da sociedade como um todo. De certa forma a gravidez pode ser considerada uma “carta de alforria”, em suas mentalidades elas agora já são as responsáveis por suas próprias vidas, conseqüentemente elas acabam engravidando novamente antes do segundo ano da primeira gestação.

No entanto em alguns casos elas não conseguem cuidar e criar os filhos ou filhas sozinhas, sem o apoio da família ou do companheiro e acaba entregando um ou mais de seus filhos ou filhas para adoção e futuramente se arrependem dos atos cometidos nesses primeiros passos como responsáveis por sua vida e a vida de outro ser que precisa de muitos cuidados e atenção.

Ainda buscou-se informações referentes à relação com a família antes e atualmente e informações relacionadas à sua rotina após a gravidez, ou seja, o que mudou na sua vida enquanto estudante e/ou profissional trabalhista. As mulheres mais velhas (que já atingiram a maioridade ou estão casadas) relataram se dar muito bem com seus familiares embora já tenham passado por momentos de

grandes dificuldades no meio familiar, já as mais novas (menores de idade) que não estão casadas dizem ainda enfrentar certa rejeição por parte de alguns membros da família.

Em seguida foram indagadas a respeito da relação com a família antes da gravidez e como era sua relação com seus pais antes de sua gravidez. Conforme os relatos das entrevistadas eram:

Entrevistada 1: meus pais não sabiam o que eu fazia na cidade pois eu não morava com eles, quando descobriram eu já estava grávida e fui obrigada a casar na verdade eles não me deram outra opção;

Entrevistada 9: minha mãe não me deixava faltar nada, em questão de roupa, comida essas coisas básicas;

Entrevistada 16: era muito boa, nós conversávamos muito quando eles vinham para a cidade, pois eles moram no sertão (interior do município) e eu na cidade na casa de uma tia, aí quando eles chegavam conversávamos muito, mas não sobre assuntos relacionados a sexo;

Mesmo que exista certo diálogo entre pais, mães e filhas é possível perceber que assuntos relacionados a sua vida sexual em momento algum entra no seio destas conversas, pois os pais ou mães acham que as filhas ainda não praticam atividades sexuais, e por eles acharem que suas filhas são virgens elas não precisam saber desses assuntos e ao descobrirem a gravidez de sua até então criança é que eles percebem que essas meninas cresceram, é neste momento que muitos dos pais se revoltam culpam as filhas por este acontecimento, há casos em que os pais chegam a dizer para esta adolescente que está precisando de apoio neste momento de suas vidas que sua vida acabou e que agora ela vai saber o que é sofrer.

Ao serem questionada se ficaram algum tempo afastadas de seus pais elas responderam da seguinte forma:

Entrevistada 1: não, apesar deles terem brigado muito logo eu casei e tudo ficou bem. Rsrtrs ele foi chamado na retranca;

Entrevistada 15: sim por causa de brigas de minha mãe por causa da gravidez;

Entrevistada 16: sim, eles moravam na roça e eu na cidade.

Para muitas famílias é comum ou normal as adolescentes casarem ou passarem a viver em uma união estável, pois muitas jovens relataram que os pais diziam preferir que elas casassem cedo a virar mãe solteira, pois se elas virassem mães solteiras jamais teriam o respeito da sociedade ou mesmo conseguiriam se casar com um homem de bem. Uma das mulheres entrevistadas relatou que uma vez ela estava a fim de um rapaz:

Entrevistada 15: e quando conseguimos marcar da gente se encontrar foi uma tremenda decepção para mim o que ele queria era apenas transar comigo quando me neguei ele disse na minha cara que eu tava me fazendo de difícil porque era isso que todos os homens queriam de mim, pois eu nunca ia arrumar um homem que quisesse casar comigo já que eu não era mais virgem, eu tinha que agradecer aquele infeliz de querer transar comigo ver se pode isso, mas graças a Deus ele tava errado e eu casei com uma pessoa maravilhosa.

Dando prosseguimento as entrevistas elas foram questionada sobre como sua família ficou sabendo de sua gravidez?

Entrevistada 5: não sei nem como foi, pois quando eu descobrir eu quase enlouqueço eu vivia desesperada sem contar para ninguém, só quem sabia era uma irmã minha, as vezes acho que foi ela que contou.

Entrevistada 15: pelos vizinhos eu mesma não contei,

Ao serem questionadas sobre qual foi a reação de seus familiares quando souberam que você estava grávida?

Entrevistada 9: quando a mãe soube eu já estava morando com o pai da criança,

Entrevistada 12: a mãe ficou meio brava, mas depois aceitou, quando ela aceitou ficou tudo bem, já meu pai nunca brigou,

Entrevistada 16: eles aceitaram numa boa, pois eu já estava casada então isso é normal acontecer, eu não ia ficar falada na vizinhança.

É possível constatar que muitos homens acham que estas mulheres tem a obrigação de lhes satisfazer sexualmente a seu bel prazer. Não é possível deixar de mencionar que após a descoberta da gravidez quem mais se desespera no meio familiar é a mãe, e mesmo com muitas brigas com a filha diante dessa nova realidade não deixa de apoiá-la diante do ocorrido.

Contudo pode-se enfatizar que a partir do momento que uma adolescente passa a viver uma união estável (casada) a gravidez na adolescência passa a ser considerada normal por parte da família e da sociedade, é como se o casamento acelerasse a maioridade dessas jovens. Assim elas só serão vistas como adolescentes se o casamento vir a não dar certo, nestes casos elas passam a enfrentar o preconceito de algumas pessoas, por seu casamento não ter dado certo.

Diante da pergunta se sua mãe engravidou na adolescência? Oito (08) entrevistadas responderam que sim, e as outras não souberam dizer. Também perguntamos para elas se além de você alguma irmã sua também engravidou na adolescência? Nove (09) colaboradoras afirmaram que sim e sete (07) que não. É possível perceber que muitas dessas mães adolescentes são irmãs ou filhas de outras mães adolescentes é como um ciclo perverso, que se repete e aumenta de proporções com o simples passar do tempo.

Também foram feitos questionamentos acerca de suas vidas no presente momento da entrevista. Quando questionadas se estão trabalhando no momento cinco (05) mulheres responderam que sim, e ao serem indagadas sobre qual era sua profissão cinco (05) entrevistadas disseram ser doméstica e treze (13) relataram nunca ter trabalhado fora de casa.

E com quem você deixa seu/sua filha(o) para trabalhar, quatro (04) com a mãe, cinco (05) não voltou a trabalhar, sete (07) pagava ou paga alguém para cuidar dos filhos enquanto elas estão no trabalho. E quanto a pergunta de como é sua relação com seus pais, quinze (15) das entrevistadas disseram ter hoje uma excelente relação com os pais, e uma (01) mais ou menos. Diante das respostas é cabível constatar que o apoio da família é indispensável para o desenvolvimento destas adolescentes nesta fase de muitas transformações em suas vidas.

Ao questioná-las sobre qual sua expectativa para seu futuro pode-se perceber que elas relacionam seu futuro com o bem está dos filhos, se os filhos se tornarem vencedores elas se darão por satisfeitas quanto as suas vidas.

Entrevistada 14: um ótimo futuro;

Entrevistada 12: quero melhorar de vida para poder dar uma vida melhor para minhas filhas;

Entrevistada 16: que minhas filhas estudem e seja alguém na vida.

Ao serem questionadas sobre quais as expectativas que elas tinham para o futuro de seu ou sua filha ou filho?

Entrevistada 1: quero que eles estudem se formem em uma faculdade, que eles tenham as oportunidades que eu não tive, pois só assim eles terão bons empregos;

Entrevistada 9: que todos estudem e se formem se tornem boas pessoas;

Entrevistada 15: eu ainda não pensei nisso, no momento vivo para meus filhos que ainda são pequenos.

Todas as entrevistadas querem que seus filhos façam escolhas diferentes das que elas fizeram em suas vidas, que os filhos não parem de estudar, hoje elas reconhecem o valor do estudo e relatam passar muitas dificuldades por não terem um grau de estudo mais elevado, assim enfrentam muitas dificuldades até mesmo quando precisam ensinar as tarefas escolares dos filhos elas enfrentam dificuldades por não saberem ou não entenderem o enunciado das questões propostas nas tarefas dos filhos.

Outro aspecto trazido na discussão foi a respeito de dar continuidade ou não aos estudos após engravidar. Nesse sentido, quando questionadas se elas pararam de estudar após engravidar, cada uma das entrevistadas relatou um motivo diferente, embora todas hoje reconheçam o quanto isto prejudicou suas vidas.

Entrevistada 3: por falta de interesse meu mesmo;

Entrevistada 5: porque o pai de meu filho não ficava com ele para eu estudar e depois quando me separei eu precisava trabalhar;

Entrevistada 6: por falta de apoio;

Entrevistada 7: por sentir muitos enjoos;

Entrevistada 8: por que fui para a roça;

Entrevistada 11: eu não aguentava ir para a escola com o barrigão.

Você se arrepende de ter parado de estudar, apenas uma das entrevistadas disse que não se arrepende porque seu marido lhe dar tudo que ela precisa as demais falaram que sim. Diante da pergunta de como foi a reação de seus colegas de escola ao descobrirem sua gravidez todas relataram ter sido normal. Você recebeu apoio da escola para continuar seus estudos? Qual?

Entrevistada 2: sim, queria que eu voltasse, mas eu não tinha mais vontade de continuar estudando;

Entrevistada 11: sim, diziam para mim deixar o filho com minha mãe e não parar os estudos;

Entrevistada 15: diziam que eu estava doida que isso era burrice, na verdade eles ficarão muito surpresos.

Também foi perguntado se elas voltaram a estudar, e se voltaram após quanto tempo, seis (06) das entrevistadas disseram que sim, no entanto somente duas (02) continuam estudando.

Entrevistada 1: sim, depois de sete anos fiz a EJA, mas desisti novamente, outro arrependimento que carrego, pois todos os colegas daquela época estão formados hoje e eu continuo aqui fazendo nada para meu futuro, mas agora é tarde para isso estou muito velha, já vou ser avó, deixa isso para meus filhos que são novos;

Entrevistada 5: sim, depois de dez anos e parei novamente por cinco anos, mas voltei novamente agora vou terminar não desisto mais;

Entrevistada 10: sim, após um ano, mas voltei a desistir.

Entre as perguntas feitas para as entrevistadas havia a pergunta se houve mudanças em suas notas após a gravidez, e em que mudaram, embora essas mulheres digam não ter havido mudanças em suas notas foi possível perceber em suas falas que elas possuem um maior interesse em dar continuidade nos seus

estudos mesmo diante das dificuldades, como falta de apoio do companheiro não ter com quem deixar os filhos para poder ir a escola, além do cansaço de um dia inteiro de trabalho.

Entrevistada 9: elas pioraram eu tenho muitas preocupações em minha cabeça não consigo estudar direito;

Entrevistada 10: Não, continua igual, pois eu nunca fui uma aluna nota dez, embora eu esteja mais focada em terminar meus estudos.

A última pergunta do questionário foi referente aos programas e ações promovidas pela secretaria de saúde do município de Grajaú - MA. Você participa ou participou de algum grupo ou programa de apoio a adolescentes e mulheres grávidas em alguma de suas gravidezes, todas as colaboradoras foram unânimes em suas respostas de que não sabem se existiu ou existe algum programa direcionado a este público alvo, o único programa que elas disseram ter conhecimento e participaram é o pré-natal, embora digam que foram poucas as consultas durante a gestação.

Segundo o Ministério da Saúde:

O número de consultas de uma mãe da região Sul e Sudeste é maior do que as moradoras da região Norte e Nordeste do país, tornando cada vez mais visíveis as desigualdades sociais de acesso aos serviços de atenção à saúde materno-infantil. Enquanto uma mãe das regiões Sul e Sudeste faz em média sete consultas ou mais as mães das regiões Norte e Nordeste este número cai para menos de sete consultas durante sua gestação (BRASIL, 2009, p. 33).

É importante ressaltar que nem todas as consultas destas adolescentes foram acompanhadas por um médico, algumas ficam a cargo de enfermeiras ou enfermeiros. Tanto as adolescentes que tiveram filhos nos anos 1990 quanto as dos anos 2000, contaram que fizeram em média três consultas com o médico e que as outras ficaram a cargo de enfermeiras ou enfermeiros que atendem nas Unidades Básicas de Saúde – UBS.

Mesmo com todos os problemas enfrentados pelas adolescentes ao engravidarem é possível perceber que hoje em dia a situação das jovens no Bairro Extrema é melhor do que a de suas mães, hoje não é comum encontrarmos meninas e adolescentes trabalhando em casas de famílias em troca de roupas

calçadas e a chance de poder estudar. Embora a comunidade do Bairro extrema seja carente os pais têm a consciência de que suas filhas precisam estudar e não trabalhar para conseguir estudar.

Outra mudança que precisa ser enfatizada é que os pais estão mais abertos ao diálogo com meninos e meninas, mesmo sem muito conhecimento e informações sobre as diversas formas de prevenção, eles procuram orientar os filhos e filhas para que não venha a acontecer uma gravidez não planejada. Apesar das adolescentes terem mais acesso a informação e métodos de prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis – DSTs, este ainda é um assunto pouco discutido no circuito escolar municipal de educação.

Após a gravidez muitas adolescentes não retomam os estudos após o nascimento de bebê primeiro por terem que cuidar do filho recém-nascido e muitas vezes não encontram com que deixar a criança para elas retomarem os estudos, em segundo lugar muitas dessas mães acabam entrando em uma união estável e engravidando novamente, antes do filho completar três anos de idade, e conseqüentemente o marido não permite que elas voltem a estudar e quando sozinhas elas precisarão trabalhar para se manter e sustentar os filhos pequenos.

E em terceiro lugar elas se vêm diante de novas dificuldades tanto financeiras quanto social sem nenhuma qualificação profissional e inexperiência conseguem apenas empregos mal remunerado e o sonho de volta a estudar vai sendo deixado para último plano. No entanto uma parte dessas mulheres retomam seus estudos após os filhos estarem crescidos e não mais precisarem de tantos cuidados.

4.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: impacto sobre a vida escolar e profissional das mulheres do bairro Extrema em Grajaú – MA

Durante esta pesquisa com mulheres que tiveram filhos na adolescência no Bairro Extrema, foi possível perceber que algumas delas hoje já são avós com pouco mais de trinta (30) anos de idade, e que em sua adolescência não tinham nenhum ou quase nenhum conhecimento sobre métodos contraceptivos, ou mesmo haviam conversado com sua mãe ou parente próximo ou outro responsável sobre sexo, ou sobre as formas de prevenção da gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis – DSTs.

O principal motivo atribuído à questão da gravidez na adolescência pelas moradoras do Bairro Extrema foi a falta de cuidado, ou seja, a falta do uso de métodos contraceptivos assim como a camisinha que protege não só contra uma gravidez não planejada como das doenças sexualmente transmissíveis.

A pílula é muito usada pelas brasileiras, ainda temos os injetáveis onde tem os tipos mensal que contém em sua fórmula estrogênio e progesterona e o trimestral que só tem em sua composição química a progesterona sintética, ambas são injeções intramusculares aplicadas no braço ou nas nádegas.

Embora diante da diversidade de métodos contraceptivos muitas adolescentes sabem da existência desses meios de prevenção, mas não sabem como fazer uso destes métodos, embora é comum elas terem o pensamento fantasioso de que uma gravidez indesejada ou não planejada nunca vai acontecer com elas, por isso elas não se preocupam com o uso frequente de métodos contraceptivos.

Também existem outros fatores que incidem na ocorrência de uma gravidez precoce eles são múltiplos e complexos, tais como o início cada vez mais precoce das relações sexuais; a crescente “erotização” exibida através dos meios de comunicação e entorno social; a insuficiente educação sexual e a falta de políticas públicas de saúde sexual e reprodutiva voltadas para esta faixa etária, condições socioeconômicas; estrutura familiar; exploração da sexualidade pela mídia e ou abuso sexual.

A iniciação sexual pode ocorrer levada pela curiosidade própria da idade, como meio de expressão de amor e confiança no parceiro, mas também pode estar relacionada à solidão, carência afetiva e necessidade de autoafirmação,

consequentemente essas meninas tiveram sua primeira relação sexual logo após o início do namoro ainda na primeira fase da adolescência e sem qualquer informação sobre concepção e contracepção.

Episódio este que logo resulta ou resultou em uma gravidez indesejada. Porém, não apenas os pais e educadores como os profissionais dos serviços de saúde que não estão aptos para lidar com este assunto devido à falta de qualificação e treinamento adequado. Outro fator que contribui para a falta de informação dos jovens são as próprias famílias que por achar que as/os filhas/os são muito novas/os para que possam ter aula de educação sexual na escola.

Assim como suas mães fizeram no passado, as filhas repetem os mesmos erros de suas mães, mesmo essas então avós tendo engravidado na adolescência não sabem como orientar suas filhas, muitas dessas agora avós nunca utilizaram nenhum método contraceptivo, exceto a laqueadura de trompas a qual recorrem após quatro ou mais gestações ou mesmo diante de algum risco de morte.

A gravidez na adolescência é considerada de alto risco pela complexidade de fatores que a tornam um problema de saúde pública devido às consequências que impõe à sociedade como um todo. A gravidez e a maternidade na adolescência se relacionam estreitamente com os contextos de pobreza baixa escolaridade e exclusão social.

É necessário levar em consideração o histórico familiar destas adolescentes que na maioria das vezes são filhas ou irmãs de mães também adolescentes. Essas meninas ainda não tem maturidade biológica para gestar uma criança, e também não tem maturidade psicológica para ser mãe, assim esta jovem precisa de total apoio dos avós do bebê para cuidar deste recém-nascido. Apesar do medo que muitas mães têm de suas filhas engravidar ou iniciar uma vida sexual precoce, não se pode negar que a forma mais segura de evitar esses acontecimentos é a prevenção e o diálogo entre a família e as jovens.

Para as famílias destas jovens a sexualidade era tratada como tabu e ainda hoje falar sobre sexo com algumas pessoas de idade avançada (mais velhos) do Bairro Extrema é considerado algo vergonhoso e torpe, pois falar abertamente sobre este assunto é como se tivesse incentivando as jovens a praticar sexo.

Durante as entrevistas uma das entrevistadas relatou que quando ela percebeu que sua filha estava se interessando por um jovem de sua rua ela tratou logo de levar a filha para uma consulta médica na Unidade Básica de Saúde do

bairro Extrema, com o intuito que o mesmo pudesse receitar o uso da pílula, para assim prevenir uma futura gravidez indesejada, mas para sua surpresa o médico não receitou nenhum método, já que a adolescente relatou que estava sim a fim de um rapaz, mas que não estava namorando, diante disso o clínico se negou a receitar o uso da pílula mesmo a jovem dizendo que seu período menstrual não era regular ainda assim ele disse que isso é normal.

Embora as adolescentes tenham direito a esses métodos nem sempre o profissional de saúde possui qualificação e treinamento adequado para atender este público repleto de dúvidas e incertezas típicas da idade.

Outro ponto a ser destacado é o desconforto tanto dos pais como dos educadores, em trabalhar com a educação sexual, onde na maioria das vezes acabam esbarrando nos tabus e mitos, nas questões religiosas, nos sentimentos e nos valores morais, que abrem espaço para a transmissão de informações errôneas.

Os profissionais da saúde também não estão habilitados para atender este público, criando situações de distanciamento que dificulta a transmissão do conhecimento e a troca de experiências.

Atualmente as adolescentes têm uma criação diferente da que seus pais tiveram no passado, existem aqueles que não assumem uma vida sexual ativa, e acabam optando em não usar nenhum tipo de método contraceptivo, ou mesmo quando usam, não utilizam de forma adequada, devido ao temor de que seus pais ou responsáveis descubram que elas já iniciaram a atividade sexual.

Para muitas adolescentes ter um filho significa que elas terão mais oportunidades e reconhecimento, e muitas casam cedo, assim a gravidez passa a ser vista como algo normal, pois são mulheres casadas e não mães solteiras, já não serão mais vistas como crianças e sim como mulheres adultas diante da sociedade.

Geralmente elas não estão preocupadas com as dificuldades sociais e financeiras que isto trará às suas vidas. Por isso elas não hesitam em abandonar os estudos para se casar ou viver em uma união estável.

A educação sexual é um dos temas tratados como de suma importância pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (Brasil, 1998), onde diz que a educação sexual não deve ser deixada de fora do espaço escolar e que a mesma deve ultrapassar as fronteiras disciplinares, nas conversas tanto em sala como fora delas entre meninos e meninas de todos os gêneros.

Infelizmente esta ainda é uma realidade bem distante do circuito escolar do município de Grajaú, segundo as jovens entrevistadas elas nunca assistiram nenhuma aula ou palestra que abordasse este tema, que merece toda atenção e precisa ser trabalhado com os jovens logo nos primeiros ciclos da educação fundamental, pois é visível que as adolescentes estão iniciando cada vez mais precoce as atividades sexuais.

No entanto em pleno século XXI a maioria da população brasileira ainda é altamente desinformada sexualmente, portanto a educação é uma necessidade justificada pela própria falta de informação, diversos estudos já publicados afirmam que quanto maior a escolaridade dos jovens mais responsáveis eles se tornam, dificultando assim os riscos de contrair doenças sexualmente transmissíveis ou mesmo uma gravidez indesejada.

A gravidez na adolescência afeta tanto a vida social quanto a vida econômica dos jovens, pois a gravidez na adolescência tem sido vinculada a perpetuação da pobreza, a baixa instrução, as famílias mais numerosas aos maiores percentuais de desemprego ou a empregos precários. É possível perceber que são inúmeros os fatores que influenciam ou contribuem para uma gravidez na adolescência. Estes são problemas enfrentados por meninas de todas as regiões e não apenas por jovens das cidades do interior do país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os fatores que influenciam a gravidez na adolescência no Bairro Extrema na cidade de Grajaú - MA, foi possível perceber que mesmo diante dos mais variados meios de informação ainda é grande o número de adolescentes sem o conhecimento adequado do uso dos métodos contraceptivos como: camisinha, pílula, métodos injetáveis, ou que possuem conhecimento, mas que fazem uso de forma inadequada ou não uso destes métodos. Embora todas saibam da existência dos métodos contraceptivos, demonstram certa vergonha em falar abertamente sobre maneiras de prevenção sexual.

A gravidez na adolescência é um fato evidente no Bairro Extrema e suas principais causas relacionam-se à escassez de informações e como consequências, destacam-se a evasão e repetência escolar, dificuldade de ingressar no mercado-de-trabalho, ausência de políticas públicas, ausência de programas ou ações promovidas pela secretaria de saúde, no sentido de oferecer atendimento às gestantes e o tratamento relacionado aos aspectos culturais nos quais estão envolvidas as gestantes e mães adolescentes.

Apesar de todos os riscos, é fundamental informar que a maioria dos problemas decorrentes da gestação em mulheres muito jovens poderiam ser evitados com um pré-natal de boa qualidade. Entretanto, pesquisas descrevem que mulheres que engravidam muito novas geralmente tentam esconder a gravidez e simplesmente não realizam o pré-natal no momento adequado. Além disso, é comum a tentativa de interrupção da gestação, o que retarda ainda mais a procura por assistência médica especializada.

Contudo independentemente das causas e desejos de cada adolescente, a gravidez precoce é um problema de saúde pública, uma vez que causa riscos à saúde da mãe do bebê e tem impacto socioeconômico negativos na vida dessas mulheres, pois algumas das entrevistadas relataram que desistiram dos estudos logo após a descoberta da gravidez. Todas as mulheres entrevistadas que estavam trabalhando no momento da entrevista trabalhavam como doméstica, com baixa remuneração ou dependem financeiramente do marido ou companheiro (união estável).

Diante do que foi investigado, conclui-se que tanto o Bairro Extrema como os demais bairros da cidade de Grajaú precisam inserir programas de informação

para jovens nas Unidades Básicas de Saúde – UBS e que a Secretaria de Educação juntamente com a Secretaria de Saúde passem a promover ações informativas, logo nos primeiros anos da educação fundamental.

As escolas do município precisam inserir em seus projetos pedagógicos a orientação sexual direcionada para os adolescentes, tal como orienta os PCN's (1998). Também devem ser realizados treinamentos de capacitação para o corpo docente das escolas do município, para que os professores possam trabalhar a educação sexual com domínio de conhecimento sobre como abordar este assunto com alunos das mais variadas idades e culturas. Assim como campanhas voltadas para os pais dos alunos no intuito de evitar que eles se oponham a educação sexual de seus filhos nas escolas.

Durante esta pesquisa foi possível perceber que o único programa de assistência às mulheres e adolescentes grávidas que estas jovens tem conhecimento na cidade de Grajaú – MA como no Bairro Extrema é o pré-natal. Não é possível deixar de notar que grande parte das mulheres entrevistadas encontra-se na situação de semianalfabetas, revelando que estas adolescentes ou mulheres abandonam ou abandonaram os estudos logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, antes mesmo de conseguirem interpretar e entender o que estão lendo.

Diante das análises das entrevistas constatou-se que as causas relacionadas a gravidez na adolescência: são a escassez de informações sobre as formas corretas do uso de métodos contraceptivos, no sentido de evitar uma gravidez indesejada ou mesmo as doenças sexualmente transmissíveis – DST's , assim como a falta de políticas públicas voltadas para a orientação sexual de jovens e adolescentes, nas escolas através de palestras e professores bem preparados para orientar os jovens logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tendo em vista que é neste momento que eles entraram na adolescência e logo começam a surgir o interesse pelo sexo seguido de muitas dúvidas a respeito das práticas sexuais.

Ainda foi possível constatar que a Unidade Básica de Saúde – UBS do bairro Extrema precisa inserir em seu cronograma de atividades políticas públicas voltadas para o atendimento de jovens e adolescentes, com o intuito de prevenir não só a gravidez na adolescência como as doenças sexualmente transmissíveis – DST's.

A falta de informação pode ser considerada um dos motivos para que as jovens e adolescentes abandonem os estudos, as adolescente com maior grau de escolaridade apresentam baixos índices de gravidez precoce, onde elas estão mais preocupadas com os estudos e sucesso profissional, assim a gravidez vai sendo deixada para segundo plano em suas vidas.

Cabe também aos pais, educadores e serviços de saúde, proporcionar e manter um canal aberto com os adolescentes, para conversarem sobre a vida sexual, a escolha dos métodos contraceptivos, a importância da qualidade e da responsabilidade nos relacionamentos afetivos, afim de que as adolescentes reflitam sobre as implicações de uma gravidez fora de hora e sem planejamento. Muitas adolescentes engravidam antes mesmo de procurar atendimento clínico, seja por vergonha ou por não saber como conversar com o médico sobre métodos contraceptivos.

Durante a busca por informações referentes a cidade de Grajaú – Ma não foi possível encontrar os documentos sobre o número de mães adolescentes correspondentes aos anos ao qual tínhamos a pretensão de se estudar, pois quando a pesquisadora foi em busca destes números deparou se com a mais completa falta de informações sobre estes casos, tanto na Unidade Básica de Saúde – UBS do Bairro Extrema como a Secretaria de Saúde não disponibilizava mais da documentação que revelasse o quantitativo de mães adolescente nos últimos anos.

Segundo o que lhe foi repassado na UBS do Bairro extrema é que os documentos foram enviados para a Secretaria de Saúde. E que na Secretaria de Saúde a cada administração os computadores da Secretaria de Saúde são formatados e os dados da gestão anterior, e a maternidade do município encontravam-se fechada no momento em que foi realizada esta pesquisa.

Por este motivo quando se refere a Grajaú – Ma os dados estão incompletos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição Chagas de. et al. **Gravidez na adolescência e Escolaridade**: um estudo em três capitais brasileiras. 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/10415>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

ALTMAN, H. (2001). **Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Revista Estudos Feministas, 9(2), 575-585. SciELO (Scientific Electronic Library Online), <<http://www.scielo.br/ref>>. Aceso em: 07 Jul. 201.

AMORIM, Daniela. **País Reduz Maternidade na Adolescência, Aponta IBGE**. EXAME.com. Negócios, economia, tecnologia e carreira. 2015. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/paisreduzmaternidadenaadolescenciaapontaibge/>>. Acesso em 20 Dez. 2016.

BRASIL. Estatuto da criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. 1990.

_____. Estatuto da criança e do adolescente (1990). Estatuto da criança e do adolescente: **lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990 e legislação correlata**. [recurso eletrônico]. – 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**, 2006. Ministério da Saúde. Aborto e Saúde Pública -20 Anos de Pesquisa no Brasil. Brasília, D F, janeiro, 2008.

_____. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Saúde Brasil 2009: uma análise da situação de saúde e da agenda nacional e internacional de prioridades em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

CARVALHO, Bruna Ré. Investigando a Gravidez na Adolescência e Seus Determinantes Nos Dias de Hoje. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Uberaba, 2012. 31f. Monografia. In: _____ **Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família**. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/3416.pdf>>. Acesso em: 25 Nov. 2016.

DADOORIAN, D. (2003). **Gravidez na adolescência**: Um novo olhar. *Psicologia Ciência e Profissão*, 23(1), 84-91. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100012>. Acesso em: 14 Fev. 2017.

DIAS, Ana Cristina; RODRIGUES, Manuel Alves. **Adolescentes e sexualidade**: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Rv. Referência* 2009 jul. II (10). Disponível em <<http://www.index-f.com/referencia/2009/10-1522.php>>. Acesso em: 06 Mar. 2016.

DOMINGOS, Andréia Couto. Gravidez na Adolescência: enfrentamento na estratégia de saúde da família. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. Núcleo de Educação em Saúde Coletiva. Uberaba, 2010. 39f. Monografia. In: _____. **Especialização em Atenção Básica em saúde da Família**. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0299.pdf>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

DORVALINO, Joselaine dos Santos. Gravidez na Adolescência e Métodos Anticoncepcionais: um retrato da produção científica no Brasil. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Medicina. In: _____. **Núcleo de Educação em Saúde Coletiva**. Joáima, 2010. 85f. Monografia. Especialização em Atenção Básica em saúde da Família. Disponível em: <<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2282.pdf>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

FÁVERO, Maria Helena; MELLO, Regina Maria. (1997). **Adolescência, Maternidade e Vida Escolar**: a difícil conciliação de papéis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13 (1), 131-136. Disponível em: <http://www.mhelenafavero.com.br/documentos/artigos/arquivos/1997_FAVERO_Adolescencia_Maternidade.pdf>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

FARAGO, Cátia Cilene; FOFONCA, Eduardo. **A Análise de Conteúdo na Perspectiva de Bardin**: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. Apud BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; 2011. 280 p. Edições 70, LDA, 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao18/artigos/007.pdf>>. Acesso em 01 Ago. 2017.

FRIZZO, Giana Bitencourt; KAHL, Maria Luiza Furtado; OLIVEIRA, Ebenézer Aguiar Fernandes de. **Aspectos Psicológicos da Gravidez na Adolescência**. *Psico*. v. 36, n. 1, p. 11, 2005. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=Aspectos+psicol%C3%B3gicos+da+gravidez+na+adolesc%C3%A2ncia&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&sciodt=0%2C5&cites=5480782378394185120&scipsc=>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

G1. **Gravidez na Adolescência Preocupa Autoridades em Imperatriz Notícias em Maranhão**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ma/maranh%C3%A3o/noticia/2013/05/gravideznaadolescenciapreocupa-autoridadesemimperatriz.html>>. Acesso em: 22 Dez. 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.) **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso 08 Ago. 2017.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa: Suporte ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**. Belo Horizonte. Grupo Anima Educação. 2014. Disponível em: <http://disciplinas.nucleoead.com.br/pdf/anima_tcc/gerais/manuais/manual_quali.pdf>. Acesso em: 08 Ago. 2017.

GUIMARÃES, E. M. B.; ALVES, M. F. C.; VIEIRA, M. A. S. **Saúde sexual e Reprodutiva dos Adolescentes um Desafio para os Profissionais de Saúde no Município de Goiânia-GO** - Revista da UFG, Vol. 6, No. 1, jun. 2004 online (www.proec.ufg.br). Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/juventude/reprodutiva.html>. Acesso em: 03 Dez. 2014.

HOGA, Luiza Akiko Komura et al. **Gravidez na adolescência: valores e reações dos membros da família**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 22, n. 6, p. 779-785, 2009. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3849/art_HOGA_Gravidez_na_adolescencia_valores_e_reacoes_dos_2009.pdf?sequence=1>. Acesso em: 05 Out. 2016.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>. Acesso em: 20 Dez. 2016.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/AW8D>>. Acesso em: 9 dez. 2016.

KERNTOPF, Marta Regina; et.al. **Sexualidade na Adolescência: Uma Revisão Crítica da Literatura**. Adolesc. Saúde, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 106-113, setembro 2016. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=590>. Acesso em: 18 Dez. 2016.

LIMA, Celian Tereza Batista. et al. **Percepções e Práticas de Adolescentes Grávidas e de Familiares em Relação à Gestação**. Rev. bras. saúde matern. Infant. p. 71-83, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v4n1/19983.pdf>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

LOPES, Sandra R. de Almeida. **Gravidez na Adolescência: Descuido ou Escolha?** Revista Pandora Brasil Nº 30 - Maio de 2011 - “O jovem, a saúde e a cidade”. Disponível em: <<http://revistapandora.sites.uol.com.br/>>. Acesso em: 22 Dez. 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>. Acesso em 08 Ago. 2017.

MORAES, A.; TONON, A. **A Importância do Trabalho Preventivo Frente à Gravidez na Adolescência no Município de Narendiba/Sp**. Seminário Integrado - ISSN 1983-0602, América do Norte, 9 4 01 2016. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/SeminarioIntegrado/article/viewArticle/5135>>. Acesso em: 22 Fev. 2017.

MORAES, Patrícia Jakeliny Ferreira de Souza; SANTOS, Benedito Rodrigues dos; RABELO, Rosimeire Romeiro. **O outro lado da história**: a entrega de um filho para adoção. Serviço Social e Saúde, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 209-222, maio 2015. ISSN 1676-6806. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8635287>>. Acesso em: 17 jul. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.20396/sss.v11i2.8635287>.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães, et al. **Conflitos Vivenciados Pelas Adolescentes com a Descoberta da Gravidez**. Rev Esc Enferm USP 42.2 (2008): 312-20. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a14.pdf>>. Acesso em: 19 Jun. 2016.

OTSUKA, Fabiana, et al. **O programa de Saúde da Família e a Gravidez na Adolescência em São Bernardo do Campo**. Arquivos Médicos do ABC, v. 30, n. 2, 2005. Disponível em: <<https://portalnepas.org.br/amabc/article/view/289>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

PANTOJA, Florinaldo Carreiro; BUCHER, J. S. N. F.; QUEIROZ, Cristiane Holanda. **Adolescentes Grávidas**: vivências de uma nova realidade. Psicol Ciênc Prof, v. 27, n. 3, p. 510-21, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n3/v27n3a11>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

PETRY, Sabrina. Gravidez precoce diminui qualidade de vida. **Folha de São Paulo - Rio**: 6 maio 2001. Cotidiano. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0605200115.htm>> Acesso em: 07 Jun. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico, – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RESTA, Darielli Gindri et al. **Maternidade na Adolescência**: significado e implicações. Revista Mineira de Enfermagem, v. 14, n. 1, p. 68-74, 2010. Disponível em: <<http://reme.org.br/artigo/detalhes/89>>. Acesso em: 08 Mar. 2017.

SARMENTO, Anna Beatriz Galdino. **Gravidez na Adolescência Aumenta no Brasil.** Invivo Saúde. 2003. Disponível em: <[http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=57&sid=8&tpl=printer view](http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=57&sid=8&tpl=printerview)>. Acesso em: 20 Dez. 2016.

SIMÕES, Vanda Maria Ferreira et al. **Características da Gravidez na Adolescência em São Luís, Maranhão.** Rev. Saúde Pública. 2003, vol.37, n.5, pp.559-565. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102003000500003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 22 Dez. 2016.

SOUZA, Ivis Emília de Oliveira; ALMEIDA, Inez Silva de. **Gestação Na Adolescência com Enfoque no Casal:** movimento existencial. Esc. Anna Nery (impr.) 2011 jul.-set; 15 (3): 457-464. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n3/a03v15n3>>. Acesso em: 06 Mar. 2016.

TV MIRANTE. **Maranhão lidera ranking nacional de gravidez na adolescência.** Imirante.com. Disponível em: <[http://imirante.com/imperatriz/noticias/2009/12/02/maranhaoliderarankingnacionalde gravideznaadolescencia.Shtml](http://imirante.com/imperatriz/noticias/2009/12/02/maranhaoliderarankingnacionaldegravideznaadolescencia.Shtml)>. Acesso em: 22 Dez. 2016.

UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. **Gravidez na Adolescência no Brasil.** 2013. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/Gravidez%20Adolescente%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 20 Dez. 2016.

YAZLLE, Marta Edna Holanda Diógenes. et al. **A Adolescente Grávida: alguns indicadores sociais.** Rev Bras Ginecol Obstet, v. 24, n. 9, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v24n9/v24n9a07.pdf>>. Acesso em: 25 Nov. 2016.

APÊNDICE

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE GRAJAÚ
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA**

INSTRUMENTO DE PESQUISA PARA COLETA DE DADOS QUALITATIVOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Autora: Alicilene Nascimento de Sousa

Orientadora: Prof^a. Msc. Izeth Nascimento Barros

Local: Bairro Extrema – Grajaú

Dados Gerais da Entrevistada

Entrevista nº: _____	Data da entrevista: ____/____/____
Nome: _____	
Residência: () própria () alugada () cedida	
Local de nascimento: _____	
Data de nascimento: ____/____/____ Estado: _____	
Estado civil: () casada () solteira () união estável () viúva	
Escolaridade: _____	

I Antes de engravidar

- 1- Quantos irmãos(a) você tem? ____ Quantos homens? ____ mulheres? ____
- 2- Com quantos anos você teve seu primeiro namorado? _____. Quantos anos ele tinha na época? _____
- 3- Sua família sabia que você estava namorando? () sim () Não
- 4- Com quantos anos você teve sua primeira relação sexual? _____
- 5- Antes de engravidar você morava com quem?
() pai e mãe () mãe () pai () avôs () pessoas da família () outro
- 6- Antes de sua primeira gravidez você já havia trabalhado? () sim () Não
- 7- Se a resposta for sim para a pergunta anterior em que?
() comércio () doméstica () babá () outro
- 8- Sua família já havia conversado com você sobre sexo? () sim () não

9- Alguém de sua família já tinha conversado com você sobre o uso de métodos contraceptivos? () sim () não

II Depois de engravidar

10- Quantos filhos você tem? _____

11- Seu parto foi cesariana () normal ()? Quantos de cada? _____

12- Você pensou em fazer um aborto? () sim () não

13- Já sofreu aborto? () sim () não. Quantos? _____

14- Que tipo de aborto? () espontâneo () provocado

15- Você pensou em entregar seu filho(a) para adoção? () sim () não

16- Você doou algum de seus filhos(a)? () sim () não. Quantos? _____

17- O que levou você a entregar um filho para adoção?

18- Você mora com o pai de seu ou sua filho(a)? () sim () não

19- Seus filhos(a) são filhos de um único pai? () sim () não

20- O pai de seu filho ajuda no sustento da criança? () sim () não

21- Qual sua maior dificuldade depois do nascimento de seu ou sua filha(o)?

22- Como é sua convivência com os avós de seu ou sua filha(o)? () boa () ruim

() excelente () outro

III Sua família

23- Como era sua relação com seus pais antes de sua gravidez? () boa () ruim

() regular? Explique melhor: _____

24- Você ficou algum tempo afastada de seus pais? () sim () não? Se sim porque?

25- Qual foi a reação de seus familiares quando souberam que você estava namorando?

26- Como sua família ficou sabendo de sua gravidez??

27- Qual foi a reação de seus pais ao descobrirem sua gravidez?

28- Sua mãe engravidou na adolescência?

28 – Além de você alguma irmã sua também engravidou na adolescência?

IV Hoje em dia

29- Você está trabalhando no momento () sim () não? Em que?

30- Se estiver desempregada qual sua última profissão?

31- Com quem você deixa seu/sua filha(o) para trabalhar?

32- Como é sua relação com seus pais? () boa () ruim () excelente () outra

33- Qual sua expectativa para seu futuro?

34- Qual sua expectativa para o futuro de seu ou sua filha(o)?

V Escola

35- Você parou de estudar após engravidar? () sim () Não. Porque?

36- Você se arrepende de ter parado de estudar? Por quê?

37- Como foi a reação de seus colegas de escola ao descobrirem sua gravidez?

38- Você recebeu apoio da escola para continuar seus estudos? Qual?

39- Você voltou a estudar? Após quanto tempo?

40- Houve mudanças nas suas notas após a gravidez? Em que mudaram?

41- Tem mais alguma coisa que você considera importante ou queira me contar?

Algo que eu deixei de perguntar?

42- Você participa ou participou de algum programa de apoio as mães adolescentes oferecido pela secretaria de saúde do município? Qual?

Muito obrigada por sua importante contribuição para meu TCC!